

UM POETA PARA OS NAMORADOS

Rubens Falcão

Na sua *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnaiana*, revista por Aurélio Buarque de Holanda, sintetizou, à página 274, o Sr. Manuel Bandeira: «Júlio Salusse nasceu numa fazenda no município de Bom Jardim» (essa fazenda, segundo Nilo Bruzzi no seu ensaio — *Júlio Salusse, o último Petrarca* — era a fazenda do Gonguí, na então Província do Rio de Janeiro, onde, a 30 de março de 1872, o poeta viria ao mundo). «Estudou as primeiras letras em Friburgo», — prossegue Bandeira — «iniciou o curso secundário no Internato do Colégio Pedro II, mas concluiu-o em São Paulo. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro no ano de 96. Foi promotor público nas Comarcas de Paraíba do Sul e Friburgo. Nesta última exerceu atividade política, escrevendo na imprensa. Em 1907 fixou-se no Rio, onde advogava.» Aí faleceu ao alvorecer do dia 30 de janeiro de 1948. Ia completar 76 anos.

Cisnes alcançou, em todo o País, uma popularidade só comparável a *Contraste*, do Padre Antônio Tomás. Entretanto, vários são os acréscimos e mutilações que tem sofrido, sem falar na pontuação irregularíssima. E com essas mutilações e êsses acréscimos vai sendo repetido indiferentemente, sem que os historiadores literários, ou os irmãos de ofício de Júlio Salusse (êle pronunciava Salusse, fazendo soar a letra «u» como em português) jamais se tenham ocupado em corrigi-lo. O professor J. C. Coutinho, de Nova Friburgo, refere-se a uma edição oficial — os «Cafernos de Cultura» — do Serviço de Documentação do MEC, em que são introduzidos vocábulos como «névoa», «bairanos» e alvejantes», que não foram empregados pelo poeta. Nilo Bruzzi, no seu mencionado estudo, que é de 1950, oferece-nos o último autógrafa de *Cisnes*, que Cou-

tinho informa haver conhecido em casa da família Marques Braga, «aparentada com o poeta». Ei-lo:

*A vida, manso lago azul algumas
Vêzes, algumas vêzes mar fremente,
Tem sido para nós, constantemente,
Um lago azul sem ondas, sem espumas!*

*Sôbre êle, quando, desfazendo as brumas
Matinais, rompe um sol vermelho e quente
Nós dois vagamos indolentemente,
Como dois cisnes de alvacentas plumas!*

*Um dia um cisne morrerá, por certo.
Quando chegar êsse momento incerto,
No lago, onde talvez a água se tisne,*

*Que o cisne vivo, cheio de saudade,
Nunca mais cante, nem sôzinho nade
Nem nade nunca ao lado de outro cisne...*

Salusse estêve em Paris, onde consumiu várias heranças. Mas acabou pobre aquêle que rico nascera, tendo sido recolhido, para morrer, a uma casa de amigos na Rua Visconde de Pirajá n. 251 — diz Nilo Bruzzi. E é ainda o cantor de «Dona Lua» e de outros lindos poemas quem nos fala das andanças de Salusse na grande Metrópole, onde, tomado por um sul-americano bisonho, assim objetava às numerosas mentiras que lhe tentavam impingir: —«Logo que chegou à França adoeceu. Pediu ao gerente do hotel um médico. Foi chamado um rapaz que clinicava numa farmácia próxima. Chamava-se René Belin. Môço nôvo, recém-formado pela Faculdade de Medicina de Paris. Meio século depois, no govêrno Pétain, em plena guerra seu nome aparecia no noticiário telegráfico mundial, pois foi ministro do primeiro gabinete. Naquele tempo, em 1892, era o jovem médico da farmácia próxima ao hotel da Rua Rouvier. Acamaradou-se com Salusse e passeava na carruagem tirada por dois esplêndidos cavalos que, o poeta alugara em Paris para os seus passeios ao Bosque de Boulogne, como era elegante naquele tempo. René Belin contava a Salusse umas caçadas de javali, que evidentemente nunca tinha feito, e Salusse, aparentando displicência, dizia que achava as caçadas de javali sem emoção, porque se habituara a caçar leões no seu castelo de Nova Friburgo, no Brasil. O môço médico arregalava os olhos

e perguntava, extasiado: — Mas, leões verdadeiros? — Absolutamente verdadeiros e um pouco maiores e mais ferozes do que os africanos, respondia Salusse.

E o francês ficava sucumbido com tanta grandeza.

Um dia os dois tomaram uma taça de «Champagne», que naquele tempo a garrafa, das melhores, custava dez francos. O médico perguntou ao poeta se não iria sentir falta da deliciosa bebida quando regressasse ao Brasil.

— Não, respondeu Salusse, porque a que fabrico no meu castelo de Nova Friburgo — a *Lamblais* — é melhor, pois ao invés de ser de uva, é de abacaxi...

— E quanto custa uma garrafa? — perguntou o médico.

— Cem francos.

E o dr. René Belin ficava siderado com tanta riqueza. Leões maiores e mais ferozes do que os da África, soltos nos parque do castelo de Nova Friburgo; «Champagne» dez vêzes mais caro do que os mais caros de França, feito no castelo daquele rapaz louro...

Um dia o dr. Belin perguntou a Salusse:

— Que tal, meu caro? Não seria fácil uma jovem brasileira rica querer casar-se comigo? Sou médico, formado pela Faculdade de Medicina de Paris.

— Qual, retrucou o poeta, o senhor no Brasil não arranja nada! Nós brasileiros gostamos muito das francêsas, mas as brasileiras não apreciam os francêses..

O dr. René Belin, uma tarde, como sempre, estava na esplêndida carruagem com Salusse, rumo ao Bosque de Boulogne. Num entrosamento de rua, vindo em sentido contrário, outra carruagem parou «vis-à-vis» e, dentro, uma esplêndida mulher, maravilhosa, soberba, magnífica. Salusse, impecável, cartola cinza, gravata elegante, roupa sem uma ruga. A mulher crava os olhos no poeta, encantada com a graça daquela juventude loura. Sorri: Permite ao poeta uma galanteria. E o mômico médico, assombrado, murmura a meia voz ao poeta :

— É Cléo de Mérode. A primeira bailarina da Ópera de Paris, a mulher mais sensacional da Europa!

E explicou que o Rei da Bélgica, Leopoldo II, tinha furiosa paixão por ela, fretando continuamente trem especial para conduzi-la a Bruxelas; que, por causa de uma noite, o Príncipe de Gales lhe havia dado um formidável castelo nas cercanias de Paris...

No dia seguinte, acompanhando apenas uma comédia foi às mãos de Cléo de Mérode uma linda carta de Salusse». E conclui Nilo Bruzzi, que foi amigo e companheiro do «poeta dos namorados», como a Salusse chamava Edmundo Lys: «Cinquenta anos depois, dizia-me o poeta:

— «A mocidade tem encanto e audácias deliciosas. Naquele tempo, o Rei da Bélgica e o Príncipe de Gales não me assustavam».